

## Educação contínua

(NÃO ASSINADO)

Instituto Votorantim e FGV lançam estudo que comprova o efeito da educação no salário do trabalhador brasileiro e aponta os danos de uma trajetória escolar interrompida na juventude.

Cada ano de estudo que o brasileiro acumula em seu currículo gera um salto médio em seu salário de 15,07%. O mesmo movimento é observado nas chances de ocupação que, seguindo o mesmo critério, aumentam em média 3,38%. Os dados fazem parte da pesquisa Você no Mercado de Trabalho, desenvolvida pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), com o apoio do Instituto Votorantim.

O estudo aponta, ainda, que esse prêmio da educação (termo utilizado pelos pesquisadores para medir os impactos nos salários e na ocupação obtidos com investimentos em educação pessoal) sofre aceleração na medida em que se somam os anos de estudo. Desta forma, o salário de uma pessoa sem qualquer grau de instrução tem um incremento de 6% quando ela alcança um ano de estudo. Já um brasileiro com 15 anos de estudo, que corresponde à conclusão do terceiro grau, passa a ganhar 47% a mais quando agrega ao seu currículo mais um ano (que representa o fim do primeiro ano de um curso de pós-graduação).

De acordo com o pesquisador Marcelo Neri, responsável pela pesquisa, esses dados mostram que principalmente os jovens devem investir em educação contínua. O estudo também fez uma análise de ranking de salários por tipo de carreira. "A hierarquia dos níveis educacionais se espelha no ranking trabalhista. Mesmo no caso da alfabetização de adultos, o salário é 10% maior e a chance de ocupação 66% maior do que os adultos que nunca freqüentaram a escola".

"O Brasil é um dos países do mundo que apresenta o maior retorno da educação, mas muitas pessoas de baixa escolaridade ficam presas a essa armadilha. Elas estudam um pouco mais e não têm tanto retorno. Para alcançar um trecho de altos prêmios de educação, elas precisam percorrer toda a trajetória", afirmou.

De fato, a curva da ocupação costuma cair para quem completa o ensino fundamental e só volta a patamares mais elevados no fim do ensino médio. Nesse ponto, vale lembrar que o prêmio da educação no salário não é tão significativo, o que reforça a tese de que não vale a pena interromper o itinerário educacional na juventude. Outra conclusão é que cursos completos apresentam salários maiores que cursos incompletos, seja no ensino fundamental, médio ou universitário. E o maior prêmio em proporção aos anos de estudo é o que recebe um trabalhador que supera a barreira dos 15 anos de estudo.

A pesquisa traz também uma análise específica sobre o retorno de educação para o jovem. De acordo com Marcelo Neri, em 2007 a renda dessa parcela da população cresceu duas vezes mais do que a do conjunto da população.

"O jovem viveu uma crise de desemprego e os dados mais recentes apontam que ele está sendo disputado pelas empresas. Como o jovem brasileiro fez o seu dever de casa indo pra escola nos últimos quinze anos, ele está atendendo essa maior demanda de trabalho, reflexo da recuperação do crescimento do Brasil", destacou.

A análise regional aponta que o Nordeste tem a maior taxa de retorno de educação (17,04% por ano de estudo) e o Sul (12,43% por ano de estudo), a menor. De acordo com Néri, isso ocorre porque o Nordeste está crescendo num ritmo mais acelerado e o Sul conta com uma oferta mais abundante de pessoas qualificadas.

"Um jovem que queria investir em educação pode ir para a Região Nordeste, que é onde ele vai auferir os maiores ganhos por estar educado", acrescentou.

Entre as profissões, os maiores salários observados no Brasil são obtidos nas profissões de juízes e desembargadores, que ganhavam em média R\$ 13.956 em 2007, seguidos por diretores gerais (R\$ 7.371) e médicos (7.029). No outro extremo, com as remunerações mais baixas, aparecem os trabalhadores agrícolas (R\$ 141,21) e os que atuam na pecuária (R\$ 141,56).

Ferramenta na internet

Um dos produtos da pesquisa, desenvolvida pela FGV com o apoio do Instituto Votorantim, está disponível no site <http://www.fgv.br/cps/iv/>

Nesse site, o próprio jovem poderá fazer uma simulação do mercado de trabalho, com modelos que permitem estimar ocupação e salário. Trata-se do Índice Você no Mercado de Trabalho, cujo objetivo é prover orientação aos jovens para suas decisões, informando-os diretamente para ajudá-los nas escolhas acerca da educação e do trabalho.

As variáveis são nível de educacional (universitário, médio etc), carreira ocupacional (administrativa, engenharia, médica etc), setor de atividade (financeiro, etc) além de variáveis regionais também sujeitas à decisão de imigração, como Estado e tamanho de cidades. Além disso, são oferecidas informações de outros controles individuais, como sexo, raça e idade, de forma a permitir que o jovem se veja nas estatísticas, assim como as características do posto de trabalho (tempo de emprego, tamanho de empresa etc).

Com os dados gerais da pesquisa e a ferramenta do simulador, a iniciativa vem colaborar tanto com gestores públicos e privados que desenvolvem programas de educação e trabalho para a juventude, como com a população jovem que transita nesse itinerário entre a escola e o mercado.